

A ESCRITA POÉTICA DE MANUEL BANDEIRA E JORGE BARBOSA: SIMILITUDES E DIFERENÇAS

Andréia Maria da Silva (Unemat)¹⁵

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar, comparativamente, as similitudes e diferenças culturais e literárias entre os poetas Jorge Barbosa, de Cabo Verde e Manuel Bandeira do Brasil. Ele se desenvolve no viés da literatura comparada, e por isso apresenta a institucionalização desta teoria, apresentando seus conceitos e métodos os quais contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento desse campo de estudo. As análises desenvolvidas neste trabalho se dão a partir do modelo comparatista do crítico Benjamim Abdala Junior, para quem a cultura em si é resultante de mesclas culturais e os textos literários são trocas culturais entre os países de língua portuguesa. O brasileiro Manuel Bandeira e o cabo-verdiano Jorge Barbosa são poetas de destaque nos movimentos modernistas de ambos os países. Dessa forma, apresentou-se o modo como se deu o Modernismo brasileiro e o Modernismo cabo-verdiano, falando de suas características, de suas perspectivas, chamando a atenção para a participação de Manuel Bandeira e Jorge Barbosa no movimento, figuras de muita importância na constituição da literatura nacional de seus países. Daremos destaque às criações poéticas “Poema tirado de uma notícia de jornal” de Bandeira e “John de Birmingham” de Barbosa apontam confluências entre eles, destacando os elementos de natureza socioculturais e estéticas dos autores, explorando as afinidades diversas, experiências, substratos literários comuns e motivações nas poéticas.

PALAVRAS-CHAVES: escritas poéticas; intertextualidades; diálogos literários.

Sandra Nitrini (1997) assegura que no Brasil, a institucionalização da literatura comparada tem origem quando passou a fazer parte do *currículum* dos cursos de Letras das universidades dos estados da Guanabara e São Paulo entre os anos de 1950 e 1960 graças aos esforços dos professores La Fayette e Antonio Candido. Vale salientar que no final da década de 50, Antonio Candido publicou *Formação da Literatura*, acontecimento muito importante para a historiografia da literatura brasileira e para os estudos comparados, pois a obra contribui de forma significativa para o pensamento brasileiro e latino-americano.

Outro pesquisador importante para essa área é Benjamin Abdala Júnior que desenvolve um estudo comparativo com base na teoria da intertextualidade. Em seu texto

¹⁵ Graduada em Licenciatura em Letras pela a Universidade do Estado de Mato Grosso.

de doutorado intitulado *A Escrita Neo-realista*, dispensa o conceito de “influência”, criado no comparatismo de linha francesa e propõe um comparatismo baseado na teoria da intertextualidade. Para ele,

Ninguém cria do nada. Há a matéria da tradição literária que o escritor absorve e metamorfoseia nos processos endoculturativos, desde a apreensão “mais espontânea” dos pequenos “causos” populares, ditos populares, canções etc., da chamada oralitura (“literatura” oral) até os textos “mais auto-reflexivos” da literatura erudita. Ocorre, nesse sentido, uma apropriação “natural” das articulações literárias sem que o próprio futuro escritor se aperceba de sua situação de ser *social* e de “porta-voz” de um patrimônio cultural coletivo. [...]. (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 112).

A partir dos argumentos de Abdala Junior (2003), nota-se que é natural a futura produção literária resultar da interação do autor com outros tipos de literaturas já existentes. Desta forma, ele reforça que “[...] na apropriação inerente à produção cultural, a fusão intertextual é múltipla e cada segmento ou instância discursiva dialoga em vários níveis com o conjunto da vida cultural [...]” (2003, p.131). Podemos dizer então, que a intertextualidade propicia um diálogo entre um texto e o conjunto cultural com um todo.

Nessa perspectiva, o autor discute tipos de formulações que levam ao choque de culturas, e que não reconhecem as realidades contemporâneas do hibridismo e das misturas culturais. Interessa-se ainda por pesquisar como esses contatos efetivam-se numa base produtiva que contempla as partes envolvidas com os mesmos direitos.

Benjamin Abdala volta-se para a discussão da posição do analista da literatura diante desta concepção do diferente. A diferença deve colocar o outro em pé de igualdade, ou seja, o autor demonstra respeito à diferença com base no reconhecimento das potencialidades do outro e na aprendizagem com a diferença do outro. Assim, é importante perceber e analisar como ocorrem as semelhanças e diferenças nos estudos das literaturas de língua portuguesa. Sua concepção sobre hibridismo cultural reinterpreta a diferença no texto literário, bem como o reconhecimento da diferença e das alteridades em forma de solidariedade.

Movimento Modernista Brasileiro

Na década de 20, mais precisamente em 1922, o movimento modernista no Brasil propôs novas estéticas com a Semana de Arte Moderna. O Modernismo representava

desde o início do século XX o movimento da inteligência brasileira para reconhecer-se a si mesmo, ao seu passado histórico e as condições vigentes no país e dessa forma os autores de 1922 procuram desenvolver uma literatura com base na liberdade de expressão, tinham como objetivo falar do cotidiano e de toda a problemática envolvente no país, por uma linguagem popular se distanciando da linguagem rebuscada apresentada pelas academias antecedentes.

Candido pontua que,

Mesmo quando não procuraram subverter a gramática, os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico, paralela à renovação dos assuntos. O seu desejo principal foi o de serem atuais, exprimir a vida diária, dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna. Neste sentido, não apenas celebraram a máquina, como os futuristas italianos, mas tomaram por temas as coisas quotidianas, descrevendo-as com palavras de todo o dia, combatendo a literatura discursiva e pomposa, o estilo retórico e sonoro com que os seus antecessores abordavam as coisas mais simples [...]. (CANDIDO 1975, p. 10).

Dessa forma, o Modernismo brasileiro pode ser entendido não só como mudança na estética, pois significou a afirmação de uma cultura, quando abordou em a sua temática os problemas nacionais e os tratou de maneira objetiva, sem nenhum mascaramento. No plano da cultura podemos afirmar que as contradições entre adesão aos problemas nacionais, muitas vezes foram convertidas em exagerado nacionalismo, e o cosmopolitismo “em apenas uma face das muitas tensões conflituosas que atravessaram o contexto brasileiro nesse período [...]” (ARRIGUCCI, 1997, p. 13).

Surgiu também a necessidade dos autores daquele momento fazer uso da linguagem popular brasileira, pois o espírito modernista reconhecia que se vivíamos a realidade do país ainda necessitávamos verificar a língua como instrumento de trabalho de expressão de cultura e de identidade. Assim, inventa-se a língua brasileira para valorizar a linguagem popular no Modernismo. Autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros, mostraram-se irreverentes e ousados nas suas construções poéticas, contribuindo de forma significativa com a literatura modernista. Como diz Bosi,

Os homens de 22 (Mário, Oswald, Bandeira, Paulo Prado, Cândido Motta Filho, Menotti, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida...) e os que de perto os seguiram, no tempo ou no espírito (Drummond, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Tristão de Ataíde, Cassiano

Ricardo, Raul Bopp, Alcântara Machado...), enfim, alguns escritores mais tensos e intuitivos que os precederam (Euclides, Oliveira Viana, Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato...) [...].(BOSI, 2006, p.326).

O desenvolvimento do primeiro movimento modernista teve início em fevereiro de 1922, em São Paulo, com a Semana da Arte Moderna, organizada por Graça Aranha. Reuniram-se artistas de várias correntes artísticas no Teatro municipal entre os dias 11 a 18 e aconteceram três espetáculos. Porém, o que mais marcou foi o do dia 15. O público manifestou-se com resignação, perturbando o acontecimento, principalmente no momento em que a prosa e poesia modernista foram apresentadas por seus respectivos autores. Mário de Andrade relembra-nos esse momento,

[...] mas como tive coragem pra dizer versos diante duma vaia tão bulhenta que eu não escutava no palco o que Paulo Prado me gritava da primeira das poltronas?... Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do Teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?...(ANDRADE, 1942, p. 15).

E em meio a rejeição do público em relação a nova estética foi apresentada. Todavia, o evento marca o ponto de partida do Modernismo brasileiro.

O Movimento Modernista Cabo-verdiano

Segundo Santilli (1985, p. 05), os livros dos africanos considerados modernos (angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos), desde a geração de 1930, já são conhecidos em todo o mundo, mas o caminho para se tornarem conhecidos universalmente foi bastante dificultoso. A autora considera que até os anos 60 esses escritores pouco conseguiram e que foram graças às antologias que as escritas até 1975, primeiro de nação desses países, ganharam registro público e não se perderam no esquecimento, ou seja, as literaturas desse período foram recuperadas e veiculadas através de antologias, até afirmarem suas identidades e conquistarem espaço no mapa da literatura universal.

Durante muito tempo, assim como no Brasil, no que diz respeito à literatura nacional, Cabo Verde e as demais nações africanas colonizadas por Portugal, sobreviveram e se desenvolveram sob o modelo cultural europeu. Laranjeira explica-nos: “[...] O ser africano dependia do linguístico e literário, pelo menos para as elites cultivadas. Daí que à ruptura com a dominação militar e política correspondesse a ruptura

com os estereótipos europeus [...]”(1985, p. 10). Desse modo, as produções literárias desses países ficaram confinadas aos moldes europeus e a identidade nacional africana tratada de forma estereotipada. O crítico Laranjeira afirma que,

[...] A literatura – ou melhor, a subliteratura colonial ou colonialista, tentou sempre, em vão, manter a paternidade ou familiaridade dessa nova literatura africana, usando todos os meios ao seu alcance para reagrupá-la no redil das ovelhas inofensivas: antologando-a amputada das suas partes mais ostensivamente ofensiva, incluindo-a em contextos antológicos deturpadores da sua autenticidade ou ferocidade vanguardista, atribuindo prêmios a epígonos de fácil prosódia, promovendo a ascensão de uma caterva de escritores mal pensantes e mal escreventes, enfim, procurando submergir as novas literaturas num banho opaco de textos e infidelidades textuais, subvertendo o seu poder de trans-agressão, de produtividade, de revolta contra a possessividade metropolitana [...]. (LARANJEIRA 1985, p. 11).

Portanto, o desejo do colonizador de se manter no poder é resultado do medo de ver as novas literaturas conquistarem suas nacionalidades e se voltarem contra ele de maneira agressiva. Consequentemente, a atitude do colonizador, fez com que as obras literárias desses países fossem agrupadas em coletâneas com outras obras consideradas sem autenticidade nacional, produzidas por autores concebidos como intelectuais de pouco conhecimento artístico.

Simone Caputo Gomes em “Cabo Verde e Brasil: um Amor pleno e correspondido” (2007) afirma que Cabo Verde cedo desperta para a literatura brasileira a partir da geração da Revista *Claridade*, marco da modernidade crioula, lançada por Manuel Lopes, Baltazar Lopes e Jorge Barbosa. Atenua a importância e mérito desta literatura africana de ter furado “o cerco salazarista que não permitia o acesso a textos brasileiros com posturas políticas definidas, como os de Jorge Amado e Graciliano Ramos, pilares da brasilidade” (2007, p. 02). Esse acontecimento marca o surgimento de uma literatura literalmente de caráter nacional em Cabo Verde, onde houve o lançamento da revista **Claridade**. Como dizem Fonseca e Moreira,

O grande passo para a virada da temática da literatura produzida em Cabo Verde foi dado em 1936, na Ilha de S. Vicente, por um grupo de intelectuais, que lançou a revista *Claridade*. Os intelectuais que possibilitaram a publicação da revista foram, principalmente, Baltazar Lopes (autor do romance *Chiquinho* – 1947), Manuel Lopes (autor do

romance *Os flagelados do vento leste* – 1960) e Jorge Barbosa (poeta renomado, autor de *Arquipélago* – 1935, *Ambiente* – 1941, *Caderno de um ilhéu* – 1956, e *Poesia inédita e dispersa* – edição póstuma, 1993). (2012, p.05).

Vale ressaltar que para o lançamento de **Claridade** reuniram-se escritores tanto da prosa como da poesia, uma espécie de solidariedade em prol do resgate da identidade cultural do país através da literatura. Assim, os escritores lançaram-se na luta pela nacionalidade de suas literaturas tendo essa publicação como porta-voz do povo cabo-verdiano. Conforme Santilli,

Agrupados em torno da revista *Claridade*, de 1936, prosadores como Manuel Lopes e Baltazar Lopes propuseram-se partir ao reencontro da identidade cultural de seu país, delinear o perfil psicológico de seu povo. São os tempos de influência do Modernismo brasileiro que, pela afinidade de causa, empolgaria os escritores cabo-verdianos. (SANTILLI, 1985, p.24).

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores cabo-verdianos, juntos a outros escritores de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné-Bissau evidenciaram a sua determinação em estabelecer redes literárias com sistemas mais próximos como o Brasil, por causa do itinerário histórico igualmente colonizado de ambos. Jorge Barbosa enfoca esse caminho em seu poema «Você, Brasil», publicado na obra **Caderno de um Ilhéu**, em 1956, dedicado a Ribeiro Couto: “Eu gosto de Você, Brasil,/ porque Você é parecido com a minha terra./ Eu bem sei que Você é um mundão/ e que a minha terra/ são dez ilhas perdidas no Atlântico,/ sem nenhuma importância no mapa. (...)”.

Manuel Bandeira e a poesia Modernista

Como um grande poeta como Manuel Bandeira concebeu a poesia? Esse poeta tem sido considerado pela crítica como o introdutor do verso livre e precursor da lírica modernista na literatura brasileira. Em **Libertinagem** (1930) o poeta demonstra seu amadurecimento artístico, uma vez que “[...] *Libertinagem* simboliza a superação dos entraves temático-formais e o afastamento das fórmulas clássicas, de modo a aproximar a arte de Bandeira das experiências originárias e significativas da existência [...]”. (AGUIAR, 2010, p. 27). Publicada na década de 30, essa obra foi o passaporte para a integração de Bandeira ao Modernismo, com temas variados e aperfeiçoamento técnico

na maneira de escrever. Pontiero considera que “[...] O livro representa a maior fase de desenvolvimento na carreira de Bandeira e, ao mesmo tempo, constitui sua mais significativa contribuição para o programa e do movimento modernista brasileiro” (1986, p. 107). Nela o autor optou pela liberdade de expressão, tratou de temas cotidianos e da existência humana de forma irônica e lúdica. Assim,

[...] Com *Libertinagem*, cria uma justaposição irônica do profano e do sagrado, da brincadeira e da reflexão séria, do protesto e do sentimento, poemas de evocação seguidos de momentos de rejeição, o real fundindo-se com o imaginário. Isso é igualmente válido para o arranjo dos títulos – quase sempre ambíguos e frequentemente provocativos, num modelo confuso de elementos formais e impressionistas [...]. (PONTIERO, 1986, p.108).

A sugestiva mistura de temas na obra faz com que a obra chame a atenção já de imediato pelo próprio título que nos remete à ideia de extravagância.

Jorge Barbosa e a poesia modernista

Santilli (1985) ressalta que Jorge Barbosa andou ao lado de grandes escritores do movimento de redescobertas do nacional em Cabo Verde tais como Alcantara Machado e Baltazar Lopes. O poeta procurou fazer das suas leituras da realidade cabo-verdiana uma escrita própria que representasse o povo, seus problemas e as diferentes camadas sociais existentes no país. Estreia, em 1935, com uma poesia nacional, publicadas em periódicos e antologias cabo-verdianas e portuguesas do movimento dos claridosos. Suas obras **Aquipélago** (1935), **Ambiente** (1941) e **Caderno de um ilhéu** (1956) são registros poéticos relevantes para a literatura de Cabo Verde da terceira década do século XX.

Sua primeira obra mostra o conflito vivido pelo homem cabo-verdiano:

POVO

Conflito numa alma só
De duas almas contrárias
Buscando-se, amalgamando-se
Numa secular fusão;
Conflito num sangue só
Do sangue forte africano
Com o sangue aventureiro

Dos homens da Expansão;
[...]
N'alma do povo ficou
Esta ansiedade profunda
- qualquer coisa de indeciso
entre o clima tropical
e o espelho de Portugal....

Logo na primeira leitura o poema chama atenção pelo aspecto visual. As figuras do homem africano e do homem português impõem-se no princípio, como dois polos que em contato produz o povo cabo-verdiano. Há o reforço em apresentar o homem de Cabo verde cindido em duas partes: uma que anuncia uma identidade própria dos trópicos e outra que se vê no outro colonizador que expandido suas terras e colocou em contato sua língua e cultura em novos territórios. O discurso da miscigenação da raça e da cultura aparece no poema de Jorge Barbosa: o povo se reconhece e orgulha-se dessa mescla com o compõe.

Semelhanças e Diferenças entre a poesia de Manuel Bandeira e Jorge Barbosa.

Para desenvolver esse tema sobre as semelhanças e diferenças entre os poetas Jorge Barbosa, de Cabo Verde e Manuel Bandeira, do Brasil, será particularizado alguns poemas que dão suporte para as articulações comunitárias entre eles e os países que representam.

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão
sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(BANDEIRA 1986, p. 107)

Vemos, à primeira vista, que a estrutura do poema é um tanto quanto diferenciada, pois trata-se de uma escrita curta, em apenas seis versos, na qual ocorre uma combinação de versos curtos com versos longos, empregados sem nenhuma regularidade estrutural, que juntamente com apenas uma pontuação, o ponto final, auxiliam no ritmo. Há uma cadência rítmica irregular, rimas aleatórias ou ausentes, multiplicidade de tom e aproximação com a prosa. O poema se enquadra nos moldes modernistas em que os versos livres e brancos se fazem presentes, com o emprego de uma métrica disforme e na carência de rimas, aproximando-se assim do texto prosaico.

O poema encarrega-se de abordar o cotidiano, num tom trivial da explicação que ele contém, indicando-nos a fonte da poesia e a construção do poema feito da matéria não poética. O escritor adapta o fato real que acabou por ser divulgado nas páginas de um jornal e o transforma em notícia retirada do cotidiano jornalístico. Nela há o relato da história trágica de um homem de classe humilde. O choque da novidade da matéria tornada poesia se caracteriza na própria linguagem que anuncia o poema. E pelo emprego do verbo “tirado”, corriqueiro e banal, que quebra a expectativa da elevada inspiração poética.

Além disso, faz-se o uso de um vocabulário simples, com aspectos narrativos para demonstrar a trajetória de um morador do morro da Babilônia no Rio de Janeiro, que depois de festejar, acabou se suicidando na Lagoa Rodrigo de Freitas, área nobre da cidade. Estamos diante de uma poesia que discute o contraste existente entre as classes sociais e a maneira estereotipada de como o negro é visto por alguns membros da sociedade.

O endereço específico de “João Gostoso” é informado no nome do bar (Vinte de Novembro), frequentado por “João Gostoso”. Coincidentemente ou não, o curioso é que essa data nos traz à memória o dia em que um dos grandes guerreiros negros, Zumbi dos Palmares, figura importantíssima na luta pelos os direitos dos escravos, teve sua vida interrompida. O fato do nome utilizado na identificação do bar, ser a mesma data da morte de Zumbi dos Palmares é uma particularidade bastante pertinente nessa poesia. A casualidade é responsável por nos fazer acreditar, que “João Gostoso” é uma pessoa de pele negra, que na poesia significa todos os negros, moradores de periferias.

Enquanto alguns dos dados pessoais de João Gostoso foram omitidos, outros são exaltados sem nenhuma restrição, como é o caso dos nomes (morro da Babilônia, bar Vinte de Novembro e Lagoa Rodrigo de Freitas). Esses nomes referenciam a localidade habitada por João Gostoso, lugar de lazer frequentado por ele e o local que ele se suicidou. Essas referências implicam na constatação de que João Gostoso, carregador de feira-livre e morador do morro da Babilônia, era um sujeito excluído do meio social; tinha moradia, emprego, liberdade para movimentar-se para onde quisesse igual a qualquer outro cidadão, mas não passava de um indivíduo que sobrevivia às margens da sociedade do Rio de Janeiro, devido sua condição financeira e cor de pele. João Gostoso desceu do morro da Babilônia pra morrer na Lagoa Rodrigo de Freitas, área nobre da cidade. Esse percurso feito por ele serve para reforçar a ideologia estereotipada de que negro quando pisa em território habitado por brancos causa desordem.

Estamos diante de uma poesia, que apresenta a experiência boêmia no cotidiano da vida brasileira: a bebedeira que precede o afogamento de João Gostoso, com discurso libertário, irreverente e humorado. O nome e os traços são coerentes com que se delinea na existência do malandro carioca.

Bandeira ao transportar um noticiário de jornal, para o texto poético, denuncia o modo marginalizado como o negro sobrevive e é tratado no meio social. “João Gostoso” é o representante do negro brasileiro, sujeito que batalhou para continuar sobrevivendo, que ri da própria desgraça nos festim, que exagerou na bebida e morreu em um espaço nobre da cidade, ou seja, “João Gostoso” é o “negro favelado” que deforma a beleza estética da sociedade.

Observemos como essa temática revive no poema de Jorge Barbosa:

OCORRÊNCIA EM BIRMINGHAM

John
de Birmingham
Alabama
USA

entrou na tabacaria.

Foi insultado

soqueado
expulso.

Na rua
o polícia
espancou
derrubou
cuspiu
prende o desordeiro.

Negro safado!

Escrito em 15 versos, distribuídos entre as cinco estrofes, o poema possui aspectos próprios do período em que emergem movimentos estéticos, políticos e histórico-culturais em prol da modernidade na literatura e nas artes em Cabo Verde e em muitos outros lugares, tais como a irregularidade na métrica, composto por versos curtos, as estrofes não seguem uma simetria quanto à quantidade versos que as compreende, possui pouca pontuação, praticamente carente de rimas e é uma poesia que nos envolve devido a intensidade do ritmo. A maneira como os verbos de ação (insultado, soqueado, expulso, espancou, derrubou, cuspiu e prende) foram organizados no poema, cada um em versos independentes, quando pronunciados facilita-nos a perceber o ritmo de “agressão” que permeia por toda a poesia. Estes são exemplos de verbos utilizados para expressar atitudes que no poema em discussão são elementos fundamentais na percepção do ritmo.

Barbosa em “Ocorrência em Birmingham” transformou um fator social em matéria poética. A cotidianidade do negro ganhou expressividade através dos versos. De África para os Estados Unidos da América, o poeta cabo-verdiano transformou em matéria poética a forma como o negro é tratado fora de seu território de origem.

A voz do eu-poético no poema relata a sequência de acontecimentos vividos por “John”. De início, na primeira estrofe, o eu poético apresenta “John” e o local onde ele vive, (na cidade de Birmingham situada no estado do Alabama, nos Estados Unidos da América), as informações sobre o local habitado por “John” são bastante detalhadas, enquanto que em relação a pessoa “John” nenhum sobrenome é mencionado, tudo que se sabe é seu primeiro nome, dado não suficiente para determiná-lo na sociedade em que

ele vive. Esse é um aspecto no poema que nos remete a ideia de que a não divulgação da identificação completa de “John” foi uma atitude proposital do autor, ou seja, “John” na poesia em destaque não significa um sujeito específico na sociedade. Trata-se de figura representante da população negra que habita não somente a cidade do Alabama, mas EUA de forma geral.

Na segunda estrofe o eu-poético narra a movimentação de “John” no momento em que ele entra em uma tabacaria. Há uma descrição das consequências que “John” sofreu ao entrar na tal tabacaria: agressões verbais e físicas, sendo até mesmo expulso do local. Na quarta estrofe, o eu-poético diz que o homem agredido e expulso, quando já estava na rua, continuou a ser mal tratado, porém dessa vez por uma autoridade que o insultou, o espancou novamente e o humilhou de várias maneiras antes de prendê-lo. Foi parar atrás das grades por ser considerado “desordeiro e safado”, informações qualificativas que podem ser verificadas nos dois últimos versos. Nesse último verso, o eu-poético nos oferece uma única característica física de John: sujeito de pele negra. O indivíduo que no território dos brancos é tratado de forma diferenciada, como se não pertencesse ao lugar, porque era negro, sendo associado à figura do “marginal”. A sequência de agressões sofridas por John reforça a ideologia de que negro não é pessoa digna de confiança e, por isso são impedidos de entrar em certos locais. O preconceito racial é muito visível em “Ocorrência em Birmingham”. John é alguém que reage e age: entra na tabacaria, mesmo sabendo que irá ter suas consequências.

E é nesse cenário que se configura a história de “John de Birmingham”, sujeito que vivia em espaço demarcado e banido da sociedade, pessoa digna de desconfiança para a sociedade branca, tratado como “marginal”. A escrita poética de Barbosa em “Ocorrência em Birmingham” denunciou o modo marginalizado que o negro vivia nos Estados Unidos da América.

Em se tratando dos poemas de Manuel Bandeira e Jorge Barbosa percebemos similitudes, pois os dois autores se propuseram denunciar a inserção do negro na sociedade naquele momento. A proximidade entre “Poema tirado de uma notícia de jornal” e “Ocorrência em Birmingham” tem início quando ambos os poetas transportaram para o texto poético os discursos do cotidiano. Apresentados de forma simples, em textos curtos, escritos na linguagem do dia-a-dia, perfeitamente moldados na estrutura diferenciada do Modernismo atinge aos leitores de todos os tempos.

Outra semelhança ocorre em relação à mobilização da personagem, pois João Gostoso é apresentado na primeira estrofe do poema de maneira positiva, porém no decorrer do poema a história de João Gostoso segue outro rumo. O vendedor de feira-livre que bebeu, cantou e dançou é o mesmo que depois da boemia acabou se suicidando. O mesmo acontece com John que no início do poema tudo parecia estar bem, mas nas estrofes seguintes, a situação toma outra direção, porque depois de sua entrada na tabacaria o ambiente se transforma e ele começa a ser soqueado, insultado e por fim expulso e preso.

Tanto João Gostoso quanto John são figuras com sobrenomes desconhecidos, tudo o que se sabe é o primeiro nome de cada um, nomes através dos quais não se pode dizer muito sobre os sujeitos nomeados, uma vez que João é um nome bastante comum no Brasil e John também é nome muito utilizado nos Estados Unidos da América. Os lugares habitados e frequentados pelas figuras centrais dos poemas são referidos. Essa particularidade contribui nos dois casos para a não identificação específica dos sujeitos. A poesia denunciadora da marginalização do negro se faz presente em ambos os poemas, pois as personagens negras vivem às margens da sociedade pela condição social e econômica.

Dessa forma, podemos ver que as semelhanças entre a poesia de Bandeira e Barbosa são muitas, o que não significa dizer que Barbosa, tendo o Modernismo brasileiro como referência, acabou por copiar Bandeira. Parafraseando Abdala Junior (2003, p. 112), observamos que na realidade toda e qualquer produção, seja ela literária ou não, ela é sempre resultado da apreensão de outra produção. Trata-se de uma apropriação não intencionada. No caso da literatura é algo que se dá pelo contato inevitável com outra, principalmente se for pertencente do mesmo sistema linguístico. Porém, na apropriação de uma matéria o produto final apresenta particularidades específicas, a matéria apreendida passa por transformações, contribuindo para o surgimento das diferenças.

Entre os poetas, essas diferenças também se apresentam. João Gostoso é um sujeito dono de si, pessoa que entrou no bar, festou à vontade, se retirou do local quando bem quis e por vontade própria se matou na Lagoa Rodrigo de Freitas. Diferentemente, John não ocupa esse espaço e aparentemente é sujeito passivo. Porém, é uma ação-reflexiva e ativa quando não se tem liberdade para entrar onde quer e rompe a limitação mesmo sofrendo as agressões.

A história de João Gostoso saiu de um noticiário de jornal para o texto poético pela técnica de associação de imagens. A questão é colocada por Arrigucci em seu artigo “Poema desentranhado”. Conforme o crítico aborda no âmbito internacional já vinham há muito tempo as relações próximas entre a poesia e certos canais da modernização, como o jornal e a publicidade. Em Paris, Baudelaire e Blaise Cendrars movimentam o novo estilo. Cendrars terá contatos coma vanguarda modernista brasileira na época que Bandeira compõe “Poema retirado de uma notícia de jornal”. Outro poeta também apreciara Cendrars: Oswald de Andrade apontando nele sensibilidade contemporânea, cinematográfica e abandono do verbalismo (ARRIGUCCI, 1992, 93-102).

John só tem existência através da voz do eu-poético, embora em sua realidade seja parecida com a de muitos negros norte-americanos. Bandeira falou da marginalização do próprio negro brasileiro, já Barbosa foi mais além, mostrando a marginalização não do negro cabo-verdiano, mas do indivíduo de pele negra.

E assim vemos que as literaturas de língua portuguesa funcionam como rede comunicativa, que interagem umas com as outras e nesse processo interativo acabam recebendo contribuições externas. Sobre isso diz Abdala Junior,

[...]. O jogo artístico, a ser articulado na dialética região/país, ou país/países de língua portuguesa, ou ainda países de língua portuguesa/literaturas de outros sistemas linguísticos, deverá renovar *patterns* próprios da literatura nacional. Apropriar não implica sujeição a um modo de articulação textual que nos seja exterior, exterior às nossas culturas. Sem isolacionismos, as melhores realizações das literaturas contemporâneas de ênfase social de língua portuguesa mostram-se abertas às contribuições que lhes são exteriores. [...]. (2003, p. 117).

Nesse direcionamento, entendemos que apropriar não significar seguir uma regularidade, a apropriação um texto na produção de outro é uma maneira apenas de acrescentar algo novo ao produto que se pretende construir. Barbosa ao tomar a poesia de Bandeira como referência fez muito mais que renovar a poesia cabo-verdiana. Barbosa contribuiu significativamente com a poesia Bandeiriana e não se limitou em falar do mesmo negro de Bandeira, nem do homem de pele escura de seu próprio território. Falou do negro em outra realidade num país de primeiro mundo, e assim fez, John é o negro africano ou afrodescendente que vive sob os maus tratos dos brancos norte-americanos.

É válido ressaltar a universalidade que tocam os poetas mesmo quando delimitam seus lugares.

Algumas considerações Finais

Diante dos construtos de Benjamim Abdala Junior, para quem a arte literária é resultado de mesclas culturais, percebemos que uma literatura é constituída também com contribuições de literaturas que lhes são exteriores, fenômeno esse que se dá na relação que uma literatura tem com outras.

Em relação às literaturas de língua portuguesa, Abdala Junior diz que as semelhanças que existem entre estas é resultado do sistema de língua que as integram, sistema esse que o autor chama de “macrossistema de língua portuguesa”. Dessa forma em países falantes da mesma língua as semelhanças se torna um fator inevitável. Acompanhando essa concepção de Abdala Junior, entendemos que o Brasil e Cabo Verde, dois países ex-colônia de Portugal e falantes da língua portuguesa, têm o fator da língua como motivo mais do suficiente para explicar a aproximação entre o poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poeta cabo-verdiano Jorge Barbosa.

Na comparação das poesias com a temática do negro, percebemos que as criações poéticas de Bandeira e Barbosa tiveram a oportunidade de trocas culturais, pois a aproximação entre as duas, como pode ser observado nessa pesquisa, não se explica somente pelo viés de que os intelectuais cabo-verdianos tiveram diálogo com a literatura brasileira, mas há outros sistemas que, numa ordem planetária, são vasos comunicantes. Os laços que unem Bandeira e Barbosa são exemplos que nos possibilitam perceber o quanto uma literatura dialoga com outra e que as semelhanças encontradas na poesia desses poetas não se dá pelo processo da “cópia”, pois Brasil e Cabo Verde fazem parte do macrossistema de língua portuguesa e as produções literárias desses sistemas movimentam-se de lugar para lugar.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vãos e Ilhas** - Literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Literatura, história e política**. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Mario de. **O Movimento Modernista**. Rio de Janeiro: Edição da casa do estudante do Brasil, 1942.

AGUIAR, Rosiane de Souza Mariano. **Das cinzas aos Mafuás: infância e morte na lírica de Manuel Bandeira**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Norte/2010. Disponível em: http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/16338/1/RosianeSMA_TESE.pdf. Acesso em: 10/06/2015.

ARRIGUCCI JR, Davi. **A poesia de Manuel Bandeira: humildade, paixão e morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 47. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Modernismo**. 5. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1975.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de Língua Portuguesa**. Artigo/ 2012. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf. Acesso em 13/11/2014.

LARANJEIRA, Pires. **Literatura Calibanesca**. Porto: Edições Afrontamento, 1985.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história teoria e crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

PONTIERO, Giovanni. **Manuel Bandeira: Visão geral de sua obra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SANTILII, Maria Aparecida. **Estórias Africanas História E Antologia**. São Paulo: Ática, 1985.